

ENTRE OS ENTRES

Não há crônica que descreva tampouco prosa que invente. Se nenhuma narrativa abarca plenamente, palavra alguma abrange por definição. O que transita entre os entres. Lugares tem pulsação própria, trajetos deixam rastros na memória. Neste contingente, há lugares imprecisos indecifráveis no limite do intangível. Que não contêm o isto ou o aquilo; nem se identifica com aquele outro.

Algo habita entre a inércia das estátuas vivas nas esquinas do Quartier Latim e os meninos malabares engolindo bolas de fogo nos faróis. Ambos artistas no palco da vida. Tanto quanto a acrobacia performática no palco do Circo de Solei e a pirueta circense no picadeiro mambembe do Arrelia. O contraponto entre a armadura de Sir Lancelote em defesa de Camelot e o adereço na fantasia do mestre-sala desfraldando a bandeira da Portela.

Um lugar plácido pacífico entre Gotham City e Cidade de Deus. Nem Coringa tampouco Cabeleira. Do virtuosismo clássico perfeito no plié de Nijinsky à leveza sincopada do foxtrot de Carlinhos de Jesus. Da permanente celebração da natureza nas sete telas de girassóis de Van Gogh ao muralismo efêmero policromático de Kobra pelos espaços urbanos. O cotejo entre os contos de fadas de Andersen e o ficcionismo de Asimov. A dissonância entre o encantamento de Alice no país das maravilhas e a masmorra de Ana Bolena na torre de Londres.

Intermitências acontecem entre o buraco negro do espaço sideral e o buraco violado da fechadura. Rupturas intercorrem entre a película tênue do véu desnudo e a lâmina lancinante do bisturi. O limite sutil entre a fragilidade do hímen e o visco da saliva. Ai, reside a significativa pluralidade de eventos distintos mimetizados em aparente desimportância. Na lacuna dos espaços desocupados, no anonimato das valas comuns, na captura da ancestralidade roubada, no apagamento das etnias, no desperdício das horas, na poeira do esquecimento. Seguindo o cordel de ausências e vãos.

OLHO NO FATO